

**A representação feminina na literatura contemporânea:
um estudo do romance *Inferno*, de Patrícia Melo**

***The female representation in contemporary literature:
a study of the novel *Inferno*, by Patrícia Melo***

Ana Paula Lima CARNEIRO¹

Resumo

Na presente pesquisa, buscamos conhecer aspectos ligados à representação da mulher na literatura contemporânea de autoria feminina, a partir do romance *Inferno*, publicado em 2000, escrito por Patrícia Melo. Focalizamos nas ações praticadas pela personagem Marta, uma mulher que não mede esforços para se tornar líder do tráfico de drogas no morro do Berimbau, localizado no Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada com base em um aporte metodológico de cunho bibliográfico, de base sociológica, especificamente centrada nas concepções de Antonio Candido (2006; 2010), e na teoria feminista, com base nas seguintes autoras: Koss (2000), Zolin (2009), Beauvoir (2016), dentre outras. Após a realização da pesquisa podemos inferir que a personagem Marta é fruto da sociedade contemporânea, confirmando a estreita relação entre literatura e sociedade, pois é uma mulher que assume responsabilidade de mando, questionando certas imposições sociais.

Palavras-Chave: Personagem. Mulher. Literatura e sociedade. Patrícia Melo.

Abstract

In this research, we seek to know aspects related to the representation of women in contemporary literature by women, based on the novel *Inferno*, published in 2000, written by Patrícia Melo. We focus on the actions taken by the character Marta, a woman who spares no effort to become a leader in drug trafficking on the Morro do Berimbau, located in Rio de Janeiro. The research was carried out based on a methodological contribution of bibliographic nature, with a sociological basis, specifically centered on the conceptions of Antonio Candido (2006; 2010), and on feminist theory, based on the following authors: Koss (2000), Zolin (2009), Beauvoir (2016), among others. After conducting the research, we can infer that the character Marta is the result of contemporary society, confirming the close relationship between literature and society, as she is a woman who takes responsibility for command, questioning certain social impositions.

Keywords: Character. Woman. Literature and society. Patrícia Melo.

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. E-mail: anapaulalimaf2@hotmail.com

Introdução

Nesta pesquisa, discutimos acerca das configurações sociais e culturais que influenciaram a construção da mulher no romance *Inferno*, de Patrícia Melo, focalizando na personagem Marta, uma personagem que não mede esforços para se tornar líder do tráfico de drogas em um morro do Rio de Janeiro. Observamos os papéis atribuídos às personagens femininas, verificando como a mulher busca seu lugar de sujeito no meio social, procurando sair do silêncio do espaço privado e dá voz a sua vontade. Investigamos a situação social de submissão, resistência e subversão das mulheres e os conflitos enfrentados por elas na sociedade, ou seja, as diferenças sociais cristalizadas historicamente, limitando as possibilidades de elas alcançarem a plenitude existencial.

Investigamos as relações sociais inscritas no espaço do texto, tendo como base a teoria de Antonio Candido, considerando o social como fator estruturante da narrativa. Para tanto, nos embasamos em teóricos que tratam sobre literatura e sociedade, história e representação literária da mulher, relações de gênero e poder, literatura de autoria feminina, dentre outros temas. Procuramos nos respaldarmos na leitura de alguns teóricos e críticos das áreas supracitadas. Falamos de Candido (2006; 2010), Koss (2000), Zolin (2009), Beauvoir (2016), além de outros que foram reportados com o objetivo de nortear o percurso interpretativo.

A representação literária da mulher

Para entendermos a posição que a mulher ocupa atualmente na sociedade e como ela é representada na literatura é importante considerarmos a sua trajetória no decorrer do tempo, compreendendo suas lutas e conquistas. Ao longo das diferentes épocas históricas e literárias a mulher desempenhou papéis diferenciados, ganhando espaço e autonomia para conduzir sua vida, deixando se subjugar ao homem e, conseqüentemente, de serem excluídas socialmente, lembrando que essas mudanças são refletidas na literatura, na forma como a personagem feminina é representada.

É possível perceber que, ao longo do tempo, com o propósito de mais igualdade de direito entre ambos os sexos, a imagem da mulher vai se modificando, e isso é percebido na literatura, ou seja, a literatura dialoga com os aspectos sociais. Dessa

forma, ao longo dos diferentes períodos históricos e literários, ela é representada de diferentes maneiras, mostrando tanto as que comandam, como as que são marcadas pela submissão. Esses dois tipos de mulheres podem ser observados nas obras de Patrícia Melo, pois apresentam perfis femininos que seguem os princípios morais e outros são desviantes; apresentam personagens que fazem parte de espaço público e do trabalho, como também as que continuam resignadas no espaço privado.

É importante destacar que as obras de Patrícia Melo foram produzidas e publicadas no final do século XX e continuam sendo produzidas e publicadas na atualidade, época de crescente valorização da mulher na sociedade. Dessa forma, uma obra literária não pode ser estudada por ela mesma, devemos levar em consideração as bases históricas e culturais, ou seja, observando os efeitos da criação artística, sem que seja ignorada a conexão existente entre o texto e a sociedade, pois de acordo com Candido (2006, p. 14): “[...] quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a construir uma estrutura peculiar”. Dessa forma, o social deve ser considerado um fator estruturante da organização interna da obra literária.

É de suma importância ressaltar que as questões de gênero e poder estão, de certa forma, ligadas ao movimento feminista, pois, por meio da iniciativa de reivindicação dos direitos das mulheres, nasceu o primeiro foco no que diz respeito a uma participação delas de maneira mais significativa na sociedade. É a partir do movimento feminista que a mulher reivindica os preceitos pré-estabelecidos pela sociedade, ganhando mais independência e autonomia, ou seja, além de ganhar seu próprio dinheiro, ela não fica presa a padrões de comportamento.

Sabemos que ao longo do tempo a voz feminina foi silenciada, e a mulher ocupava (e muitas das vezes ainda ocupa) um lugar secundário em relação ao homem. Desse modo, falar sobre relações de gêneros é discutir as relações de poder, pois em uma sociedade patriarcal, muitas são subordinadas ao poder masculino, já que, de acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2003), o forte machismo masculino apóia a exploração das mulheres. É importante ressaltar que foi com as transformações ocorridas na sociedade, durante a industrialização, que a mulher começou a ganhar voz, ocupando um espaço cada vez maior no meio social.

As relações sociais entre os gêneros, masculino e feminino, são permeadas de relações de poder, lembrando que, por muito tempo, a mulher permaneceu na penumbra, na sombra do pai, irmão e/ou marido, ou seja, o homem exercia (e muitas vezes ainda exerce) o papel de dominador e a mulher o de submissa. De acordo com Lúcia Osana Zolin (2009, p. 217), existe uma correspondência entre sexo e poder, pois: “[...] as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública”. Nesse sentido, entendemos que as relações de gênero foram construídas ao longo do tempo sobre o alicerce das relações de poder na sociedade.

A imagem da mulher na sociedade sofreu muita mudanças o logo do tempo e essas mudanças são refletidas na literatura, passando de submissa, passivas para subversiva e empoderada, passando a ser representada de maneira menos inferiorizada em relação aos homens, mulheres que lutam por seus direitos.

A mulher em *Inferno*, de Patrícia Melo: uma análise da personagem Marta

Essa relação de poder está presente no universo ficcional da roteirista, dramaturga e escritora brasileira, Patrícia Melo², que ficou conhecida por suas obras policiais, por analisar a mente dos criminosos. A referida autora iniciou sua carreira como escritora em 1994, com a publicação do seu primeiro livro *Acqua Toffana*, em seguida *O matador* (1995) – vencedor do Prêmio Deux Océans e Deutsch Krimi; *Elogia da Mentira* (1998) – vencedor do Prêmio Jabuti; *Inferno* (2000); *Valsa Negra* (2003); *Mundo Perdido* (2006); *Jonas o Copromanta* (2008); *Ladrão de Cadáveres* (2010); *Escrevendo no Escuro* (2011); *Fogo-fáfu* (2014), *Gog Magog* (2017) e *Mulheres empilhadas* (2019). Em 1999 a *Time Magazine* a incluiu entre os cinquenta líderes latino-americanos do novo milênio, suas obras estão traduzidas na Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Espanha, Holanda, Grécia, Finlândia, China entre outros países³, considerada um dos principais nomes da ficção policial e urbana brasileira contemporânea.

² A referida autora nasceu em Assis, cidade do estado de São Paulo em 1962. (MELO, 2010).

³ MELO, Patrícia. **Elogio da mentira**. – Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Verificamos que o universo ficcional de Patrícia Melo nos apresenta mulheres que questionam a legitimidade da dominação masculina e conseqüentemente a opressão feminina, é o caso da personagem Marta em *Inferno*. No referido romance, Patrícia Melo narra a saga de José Luís Reis, apelidado de Reizinho, que aos onze anos se envolve com o tráfico de drogas, com o objetivo de ascender na hierarquia do crime, pois essa era a única possibilidade de ascensão que ele conheceu. Dessa forma, verificamos o percurso de Reizinho da infância pobre a conquista de líder do tráfico no morro do Berimbau, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Inferno é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, fazendo um retrato do caos do mundo moderno, por meio de um emaranhado de histórias de amor, família, trabalho, crime e poder. Patrícia Melo utiliza uma linguagem simples e coloquial, agressiva e de baixo calão, por meio de um discurso indireto livre. Ela enfoca as misérias da realidade contemporânea, abarcando não só a periferia do Rio de Janeiro, mas os espaços nobres da cidade, sendo que o caos é manifestado de várias formas, principalmente através da violência e da gravidez indesejada das adolescentes do morro, como aconteceu com a personagem Carolaine, irmã de Reizinho, que ao longo da narrativa engravidou quatro vezes de homens diferentes: José Paulo, pai do Alas; Walmir, pai de Júnior; Leitor, pai de Alex; e Edson ou Zino, prováveis pais do quarto filho.

Verificamos que é uma ordem comunicando-se com uma desordem, pois no morro dos Marrecos e Berimbau, que são os espaços predominantes da narrativa, existem pessoas que ganham dinheiro honestamente por meio do trabalho, e também aquelas que apresentam práticas desonestas, tais como: o tráfico de drogas e de armas. Esses aspectos dialogam com a discussão de Candido (2010) em “Dialética da malandragem”, pois, de acordo com o referido crítico, essa relação entre ordem e desordem manifesta concretamente as relações sociais, com isso, podemos constatar que o universo da ordem corresponde aos personagens que obedecem as normas estabelecidas socialmente, enquanto que os da desordem são aqueles que transgridem as normas impostas.

É possível perceber que nos referidos morros existem diferentes perfis femininos, tais como: a traficante, a prostituta, as moças que trabalham fora - domésticas, secretárias, manicures, babás e costureiras -, além de donas de casa, que vivem resignadas em seus lares. Observamos também a presença de mulheres que não

trabalham e passam o dia assistindo televisão e sonhando com uma história de amor igual às novelas, um exemplo é Carolaine (irmã de José Luís) que acaba engravidando de vários homens com promessas de casamento, mas sempre era abandonada com um filho para cuidar.

As mulheres do morro enfrentam várias dificuldades, e uma das principais é a violência, pois elas eram frequentemente violentadas, como podemos observar no seguinte trecho: “A mocinha esperando, a sacola apoiada nos pés, sandálias de plástico. Reizinho demorou para ver os hematomas no rosto da mulher. Muito mais barato, estava escrito na sacola. O olho inchado, um corte na altura da sobrancelha.” (MELO, 2000, p. 19). Apesar de todas as conquistas das leis existentes, a violência contra a mulher é um problema sério que está presente em toda parte não só na periferia.

Dentre as várias personagens femininas presentes na narrativa, Marta recebe destaque, pois ela não aceita as imposições dos homens, é uma personagem feminina independente, que age tendo em vista um princípio de igualdade entre os sexos. Conhecemos essa personagem no capítulo treze, tomando um grande destaque na narrativa, contribuindo para muitas mudanças na vida de Reizinho. Marta é filha de Zequinha, líder do tráfico no morro dos Marrecos. Ela vivia pedindo para trabalhar com o pai no tráfico de drogas, pedia pistolas de presente, o que não é comum entre as mulheres, ou seja, apresenta um comportamento diferente em relação à maioria, como podemos observar no seguinte trecho:

Essa aí, Zequinha mexericou, adora ouvir minhas conversas. Vive pedindo para trabalhar comigo. Pode? Tem fibra, essa menina, comentou, orgulhoso. Faz aniversário na semana que vem. Perguntei, filha, o que você quer de presente? Sabe o que a danada respondeu? Uma pistola Glock. Pode? Os três riram. (MELO, 2000, p. 203)

Verificamos que Marta, mesmo sob a tutela do pai dominador, apresenta os primeiros sinais de como se daria a sua independência no âmbito das relações sociais, questionando a legitimidade da dominação masculina, pois é por meio das diferenças de gênero que são observadas as desigualdades, visto que as questões de gêneros estão ligadas a uma relação de poder.

Mesmo com todas as lutas a mulher do final do século XX e início do século XXI ainda sofrem com essa desigualdade de gênero. No entanto, é importante lembrar que foram muitas conquistas ao longo do tempo, pois os papéis sociais foram se

modificando, contribuindo para que a mulher se tornasse cada vez mais autônoma, adquirindo um espaço maior na sociedade, assumindo papéis antes destinados apenas aos homens. Conforme as palavras de Monika Von Koss (2000, p. 172): “O sucesso do movimento feminista nas últimas décadas tem levado à reavaliação do papel do homem e da mulher na sociedade, no trabalho, nos relacionamentos amorosos, criando cada vez mais espaço para a mulher no mundo [...]”. No entanto, apesar de todas as conquistas, elas não deixaram de lutar, assumindo diferentes ocupações, embora ainda sofram com a repressão, por uma parte da sociedade considerada machista, mas se formos comparar com períodos passados, percebemos que elas ganharam muita força, conquistando mais liberdade pessoal.

Podemos observar o segundo sinal de independência de Marta quando ela fugiu da casa do pai para ficar com José Luís, pois sabia que ele não aceitaria o namoro, já que Zequinha não queria que as filhas casassem com traficantes. Conforme o trecho:

Quero que minhas filhas se casem com cidadãos respeitáveis, dissera Zequinha, advogados, engenheiros, dentistas, pediatras. Tem que ter diploma, ele dizia. Aqui no morro só tem pobre ou traficante. A Priscila fala inglês como americana. Marta é uma fera em contabilidade. Sou trouxa de entregar minhas filhas para essa raça de ignorantes, esses pés-rapados, esses fuleiros de merda? Não mesmo. (MELO, 2000, p. 230)

Pudemos observar que Zequinha queria que as filhas, Priscila e Marta, se casassem com pessoas importantes, com homens que tivessem diploma. Verificamos que mesmo sendo uma obra que retrata a realidade atual, no que diz respeito ao tráfico de drogas nos morros, o homem ainda enxerga a mulher como um objeto, percebemos isso ao analisarmos o discurso de Zequinha, pois ele afirma que não vai “entregar” as filhas para pobres e traficantes. Mesmo assim, Marta começou a namorar escondido com José Luís, período que o namorado se tornou líder do tráfico de drogas no morro do Berimbau. Verificamos que referida personagem buscava gerir a sua vida, tornando-se mais autônoma nas suas decisões, passando a não depender de um pai autoritário.

Marta rompe totalmente essa relação com o pai autoritário quando, ao escutar uma conversa de seu pai com outro traficante, descobriu que eles planejavam a morte do seu namorado, então, ela ajudou a armar uma emboscada para o pai, em que José Luís o matou com vinte tiros, tornando-se líder do tráfico nos dois morros, Marrecos e

Berimbau. Consequentemente Marta se tornou o braço direito do jovem traficante, passando a mandar e a desmandar em tudo.

Marta exercia certo poder em relação ao namorado, poder que ela não tinha quando estava na casa do pai. Isso pode ser verificado principalmente depois do assassinato do pai, pois Marta não aceitava qualquer situação que José Luís apresentasse. Podemos observar isso em vários trechos da narrativa, um deles é quando ele pede para ela sair da cobertura, pois achava que não era seguro. Marta impõe algumas condições, só aceitou sair da cobertura, por questões de segurança, quando José Luís atribuiu a função de braço direito no tráfico, conforme o trecho:

Só assim ela aceitara, ótimo, ploc, eu fico, mas não sou pau-mandado nem capacho, tenho ideias e métodos próprios, o. k.? O. k., ele dissera. E não pense que vou admitir vadias dormindo na nossa cobertura, afirmou Marta, estouro aquela merda. Corto teu pau e arranco o teu nariz. (MELO, 2000, p. 320)

Marta passou a mandar em tudo e em todos, principalmente em José Luís, utilizando um discurso violento e quando ele desautorizava algo, ela fazia questão de lembrar que era filha do Zequinha: “Depois das reuniões com a cúpula Marta ficava ainda mais insuportável, você me atropela, ela dizia, você me desautoriza, ploc, eu sou filha do Zequinha, compreendeu?” (MELO, 2000, p. 320), ou seja, ela se torna autoritária, se colocando em uma condição de superior, depois que começou a “trabalhar” com José Luís.

A partir do momento em que Marta começou a trabalhar no tráfico de drogas, a ter uma ocupação, torna-se mais empoderada, pois, de acordo com Simone de Beauvoir (2016, p. 503): “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”, pois ela deixa de ser um “parasita”, ou seja, de depender financeiramente de um homem, afirmando-se como sujeito ativo. No entanto, trabalhar não significa ser totalmente liberta, já que, muitas das vezes, a força de trabalho da mulher é explorada, e também pelo motivo de uma ocupação fora não dispensar ela dos cuidados do lar.

Verificamos que mesmo com todas as críticas, por parte dos outros traficantes, pelo motivo de Marta ser mulher, ela deixou claro que mandava em todos, praticando várias formas de violência, tais como: matar, corromper e intimidar, como fez com algumas adolescentes, supostas amantes de José Luís: “Marta desalojou as meninas, e

raspou a cabeça das três, antes de enxotá-las do morro.” (MELO, 2000, p. 336), demonstrando todo o seu poder. Ela passou a utilizar-se de um discurso autoritário e violento: “Arrependia-se de não ter espancado a mais preta de todas, aquela que dissera: você não é a gostosa que está pensando. Filha-da-puta do inferno. Volte aqui, ameaçara, e eu tacho foto nessa sua boceta de Bom Bril” (MELO, 2000, p. 336). Dessa forma, podemos dizer que Patrícia Melo, por meio da personagem Marta, faz uma crítica à subordinação da mulher à família tradicional e às relações de dependência econômica, pois a referida personagem rompe com os valores de feminilidade da sociedade tradicional.

O empoderamento de Marta pode ser verificado em vários momentos da narrativa, conforme o trecho: “Não quero que a Kelly venha te visitar mais. Ploc. Eu sei que você andou dormindo com ela. É chato dizer, mas eu não queria ter que me meter com aquela gorda. Acabe com isso logo” (MELO, 2000, p. 323). Uma mulher que impõe suas condições, que faz o que quer, sem se importar com o que pensa as outras pessoas ao seu redor, em outras palavras, é uma mulher que não se deixa abalar pelas expectativas sociais em relação as suas práticas. Marta é uma mulher moderna, de acordo com o que é preconizado por Alexandra Kolontai (2011, p. 9): “[...] é necessariamente independente economicamente mas, mais que isso, constrói uma autonomia que estrutura sua individualidade, independentemente de suas relações familiares.”, ou seja, é uma mulher livre para ir e vir, que não depende economicamente de um homem.

No entanto, podemos observar que existia muito preconceito, pois os homens não queriam receber ordens de mulher. Mesmo ela se tornando muito empoderada ainda a criticavam pelo motivo de ela ser do sexo feminino: “E o problema todo é que eles não toleram receber ordens de mulher. Só estão acostumados a lidar com mulher em duas situações: na cozinha e na cama. Chego eu, ploc, sabida, esperta, eles não entendem nada. Ficam desnorteados.” (MELO, 2000, p. 336). Como se a mulher servisse apenas para satisfazer os desejos sexuais dos homens e para cuidar dos afazeres domésticos, lembrando que a história da humanidade é marcada por essa diminuição e desvalorização dos papéis exercidos pelas mulheres no meio social, e, na atualidade, essa premissa patriarcal, que defende a ideia de que o ambiente feminino deve se restringir ao doméstico, ainda persiste.

O terceiro nível de empoderamento da personagem Marta pode ser observado quando ela entregou José Luís à polícia para vingar a morte do pai, pois ela apoiou o policial Denílson durante as investigações que culminaram com a prisão do namorado; em seguida ela acusou a madrasta dessa prática, utilizando essa desculpa para assassinar a referida moça. Dessa forma, podemos afirmar que Marta é uma personagem que não mede esforços para alcançar seus objetivos, utilizando-se de muita violência, deixando as vítimas com vários hematomas e deformidades, conforme podemos verificar no trecho: “A princípio, ele não reconheceu a mulher caída sobre o lixão, como o rosto deformado por hematomas.” (MELO, 2000, p. 321), sendo capaz de matar para conseguir o que deseja.

Depois que Marta assumiu a liderança, não houve invasão no morro, mostrando que a mulher é igual ou superior aos homens na administração de seus negócios. Portanto, Marta age sem se preocupar com as barreiras de gênero, contestando a supremacia da ideologia patriarcal, se colocando no mesmo patamar dos profissionais do tráfico que integram a narrativa, podendo ser considerada o oposto das personagens femininas tradicionalmente representadas na literatura.

Marta passou a mandar em tudo depois que José Luís foi preso, liderando o tráfico de drogas no lugar do namorado. Podemos verificar que no início, quando ela começou a liderar o bando, foi muito criticada pelo motivo de ser mulher. Isso pode ser constatado em vários trechos da narrativa, um deles é quando ela está comprando alguns equipamentos de um traficante de armas, conforme o trecho:

Marta experimentou o equipamento, que ficou grande demais em seu corpo miúdo. É que a moda é outra, dona. A moda é não morrer, compreendeu? Tamanho único. E só temos preto também. Marta não gostou do comentário. Ploc. Estava farta de piadinhas do tipo você-não-entende-nada-porque-é-mulher. Ploc. Quando negociava drogas ou armas, quando se reunia com seus homens ou líderes de outros morros, sempre havia alguém disposto a fazer críticas maliciosas a seu respeito pelo fato de ser mulher. Nunca vi, dissera-lhe um dos traficantes, mocinha bonita assim passeando por aí com fuzil israelense. Ploc. Idiota. Mudara completamente o seu visual e atitude por causa daquele tipo de preconceito. Agora se vestia como um homem, calças militares, tênis, camisetas largas, o cabelo curtíssimo e boné. Esforçava-se para falar como homem, andar como homem, sou um cara justo, dizia nas negociações. Lidava com “essa gente” olhando-os nos olhos, empedernida, ameaçadora, exatamente como fazia seu pai. (MELO, 2000, p. 335)

Uma estratégia que Marta utilizou para os traficantes a enxergasse como um verdadeiro líder foi se vestir como homem, buscando ser mais respeitada. Marta quebra com a ideia de mulher ideal, que seria aquela de cabelo grande, comportada, delicada, ou seja, ela se liberta das regras impostas, pois como sabemos os padrões de beleza ainda ditam o perfil ideal. Dessa forma, podemos dizer que ela nega ser moldada pela cultura patriarcal e machista, que ainda se encontra impregnada em muitos homens e mulheres, rompendo os limites impostos pela sociedade. Mesmo com todas as críticas, ela não se considera inferior a nenhum homem, se colocando em um posto de igualdade e muitas vezes de superioridade em relação aos homens, conforme podemos verificar no trecho seguinte:

Muito melhor que qualquer líder que conheceu. Até melhor que José Luís, mil vezes melhor. Ploc. Quando fora obrigada a assumir os negócios, por causa da prisão de José Luís, encontrara uma total desorganização no tráfico. Desperdício de dinheiro e burrice, isso era o que não faltava. (MELO, 200, p. 336)

Verificamos que quando Marta tomou conta do morro não teve nenhuma invasão de polícia, pois ela sabia administrar com os policiais, sabia comprar as pessoas certas, os chefes, os delegados, fazendo com que os lucros dobrassem. Ela fez vários aliados para poder tomar o lugar de José Luís, depois que ele saiu da prisão, pois quando olhava para ele enxergava apenas o assassino de Zequinha, demonstrando ser uma mulher empoderada, pois, tornou-se mais livre e autônoma.

Antes da prisão de José Luís, Marta não pensava em matá-lo, queria apenas que ele fosse preso, mostrando que ele não era tão grande, que ele era vulnerável. Mas com a prisão de José Luís, ela passou a tomar “gosto pelo esquema”, passando a não depender de nenhum homem para sustentá-la financeiramente, e como consequência, seus sentimentos em relação a José Luís ficaram mais confusos. Com isso, José Luís fugiu do morro, pois ele passou a sentir medo do que Marta poderia fazer. Depois que ele foi embora, Marta continuou liderando o tráfico de drogas, mas logo depois foi assassinada, na principal rua do morro, com vários tiros de metralhadora, e assim seguiu a vida naquele lugar, pois outro se tornou o líder.

Desse modo, podemos afirmar que Marta é uma mulher moderna, que busca a sua independência financeira, ou seja, uma personagem que sabe o que quer e não tem medo de lutar para alcançar os seus objetivos. Conforme as concepções de Beauvoir (2016, p. 543) a mulher moderna: “[...] tem a pretensão de pensar, agir, trabalhar, criar

da mesma maneira que os homens; em vez de procurar diminuí-los, afirma que se iguala a eles”. Ela procura novas condições sociais, que não se conforma em ficar trancada em casa, submetida ao pai, marido e/ou irmão que a mantém, mas que luta por independência financeira.

Vale ressaltar que Patrícia Melo também constrói o perfil de mulher resignada, que trabalha fora e que é humilhada pela patroa, verificamos isso por meio da personagem dona Alzira, mãe de José Luís, que aceitava as humilhações, pois necessitava do dinheiro: “Quando o assunto era humilhação, a mãe não respeitava nenhum limite. Descia até o inferno pelas seis notas de cinquenta.” (MELO, 2000, p. 22). Verificamos que o trabalho da mulher não era muito valorizado, pois ela recebia apenas trezentos reais por mês. Apesar da evolução no mercado de trabalho e das empregadas domésticas serem amparadas por lei, a exploração da sua força de trabalho permanece, com salários inferiores a um salário mínimo.

É possível constatar também que não existia uma perspectiva de dias melhores para as moças do morro do Berimbau, conforme podemos observar no trecho em que Dona Alzira conversa com a filha, Carolaine: “Meninas estupradas. Meninas grávidas. Meninas que se envolviam com traficantes. A pior coisa do mundo era ter uma moça em casa. Virgem. Varreu a sala, o banheiro. Um inferno, ser mulher. Os homens, bando de animais.” (MELO, 2000, p. 27). Observamos que a vida no morro é de completa desordem social, entendemos que as personagens circulam no que Candido (2010) define de esfera da desordem social, pois de acordo com o referido crítico, em “Dialética da malandragem”, os que fazem parte da ordem são os que vivem segundo as normas estabelecidas, enquanto que os que fazem parte da desordem apresentam práticas ilícitas e imorais para a sociedade.

A personagem Marta do romance *Inferno*, que faz parte desse universo de desordem social, apresenta em sua construção alguns aspectos que são preponderantes às questões de gênero e sexualidade na contemporaneidade, pois é uma mulher que assume responsabilidades de mando, que questiona certas imposições. É uma personagem feminina que tomou uma nova face em relação às personagens construídas na literatura contemporânea, apresentando um perfil feminino diferenciado, por ser traficante e liderar o tráfico de drogas em um morro do Rio de Janeiro, além de matar para conseguir seus objetivos, utilizando-se de muita violência.

Portanto, podemos afirmar que Marta é uma mulher intrépida, pois demonstra firmeza e revela ausência de temor em relação aos seus atos, desconstruindo as expectativas de uma sociedade que ainda pode ser considerada patriarcal, pois ela não apresenta um destino “limitado”, buscando liberdade pessoal.

Considerações finais

Verificamos que Patrícia Melo apresenta no romance *Inferno* a realidade do subúrbio do Rio de Janeiro na contemporaneidade, mostrando a mulher que tem uma identidade própria, fazemos essa interpretação a partir da personagem Marta, que pode ser considerada subversiva ao modelo ideal de mulher. Verificamos que o contexto no qual a referida personagem estava inserida contribuiu para a formação da sua identidade, por ser filha do líder do tráfico de drogas no morro em que morava e também namorar o líder do tráfico de drogas do morro vizinho. Dessa forma, o crime e a violência faziam parte de seu cotidiano.

Marta apresenta uma conduta desregrada, desviante do modelo defendido pela sociedade. É uma personagem ousada, que rompeu com o círculo familiar, principalmente a partir do momento em que ela planejou o assassinato do pai. Patrícia Melo apresenta uma mulher que não é idealizada, mas humanizada, que não se preocupa com as consequências que seus atos podem causar, buscando ascender socialmente no mundo do crime.

A referida autora nos mostra a representação de uma nova face da personagem feminina, face que foi desenvolvida ao longo da história da literatura, ao trazer como personagem uma traficante, que se torna líder do tráfico de drogas em um morro do Rio de Janeiro. Esse desenvolvimento pode ser verificado ao acompanharmos as imagens da mulher que vão se constituindo culturalmente ao longo do tempo, ou seja, ela é fruto dos espaços em que foi constituída; os fatores sociais refletem diretamente na representação literária da mulher.

Portanto, a personagem Marta apresenta um perfil feminino contrário ao modelo de mulher ideal defendido pela sociedade tradicional e patriarcal, em que a mulher é marginalizada, silenciada e reprimida, pois Marta é uma personagem independente que age tendo em vista um princípio de igualdade entre os sexos.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, v.2, tradução de Sérgio Milliet. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: **O discurso e a cidade**. 4 ed. – Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010, p. 17-47.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

KOSS, Monika Von. **Feminino + masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. – São Paulo: Escrituras, 2000. - (Coleção ensaios transversais).

MELO, Patrícia. **Elogio da mentira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MELO, Patrícia. **Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. – (Coleção História do Povo brasileiro).

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. (revista e ampliada). Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.